



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

11053 - Resumo Expandido - Trabalho - XVI Reunião da Anped Centro-Oeste (2022)

ISSN: 2595-7945

GT 08 - Formação de Professores

A PRÁXIS COMO EIXO ESTRUTURANTE DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS
Camila Lima Coimbra - UFU - Universidade Federal de Uberlândia

A PRÁXIS COMO EIXO ESTRUTURANTE DA FORMAÇÃO DE PROFESSORES/AS

Introdução

Na busca pela compreensão da dialogicidade dos saberes da práxis em uma perspectiva progressista, em uma educação libertadora, para a transformação de nossa sociedade, em defesa de uma perspectiva democrática, uma questão intrigante, na leitura e estudo de Freire, foi a sua desistência, especialmente na Pedagogia da autonomia (1996), da utilização da práxis como definidora de uma concepção anunciada desde a Educação como prática da liberdade (1967). Esse é o problema da pesquisa que vem sendo desenvolvida pelo XXXX, desde 2020. A curiosidade epistemológica que nos instiga compreende o termo práxis, como estruturante em seu pensamento, especificamente em relação à formação de professores/as da Educação Básica.

O recorte da pesquisa, que tem objetivos mais amplos, pretende discorrer sobre as mudanças e apreensões da definição do termo práxis nas obras freireanas, mais especificamente nas suas Pedagogias: Pedagogia do oprimido (1970), Pedagogia da esperança (1992) e Pedagogia da autonomia (1996). Para tanto, buscou-se uma análise de categorias que consigam desvelar a importância da práxis no pensamento freireano.

Desenvolvimento

Por que a escolha dessas três pedagogias? De qual concepção de Pedagogia partimos? Como compreender o campo epistêmico da Pedagogia para justificar tal escolha? Para isso, retomamos as quatro concepções sobre o estudo científico da educação e das possibilidades de organização do conhecimento pedagógico (LIBÂNEO, 1997 apud XXXX, 2007). Filiamo-

nos à quarta concepção que adere à denominação ciências da educação, em que cada uma dessas ciências toma o fenômeno educativo sob um ponto de vista específico, mantendo-se, todavia, a Pedagogia como uma delas. Aqui nos identificamos por entendê-la colaborativa, interdisciplinar e, ao mesmo tempo, uma concepção que assume a práxis como objeto específico da Pedagogia enquanto uma das ciências da educação. Nessa perspectiva, compreende-se a Pedagogia pelo seu caráter histórico, político e cultural na relação com as demais ciências que nos ajudam na complexidade do objeto de estudo que é a educação. Por isso a escolha das Pedagogias Freireanas: do Oprimido, da Esperança e da Autonomia. Por entender que todas as três trazem o sentido da Pedagogia como ciência, como uma das ciências da educação, um conceito e uma definição que desvelam a complexidade e a relação importante entre elas.

Nesta perspectiva, parece que a Pedagogia e a práxis, na concepção que habitamos, são indissociáveis; a práxis implica uma pedagogia e a pedagogia, em uma perspectiva progressista, implica uma práxis. A primeira vez que a palavra práxis aparece em *Pedagogia do oprimido* é na pergunta problematizadora do livro:

Quem, melhor que os[as] oprimidos [e oprimidas], se encontrará preparado para entender o significado terrível de uma sociedade opressora? Quem sentirá, melhor que eles [e elas], os efeitos da opressão? Quem, mais que eles [e elas], para ir compreendendo a necessidade da libertação? Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas **pela práxis de sua busca**; pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela. Luta que, pela finalidade que lhe derem os oprimidos [e as oprimidas], será um ato de amor, com o qual se oporão ao desamor contido na violência dos opressores, até mesmo quando esta se revista da falsa generosidade referida. (FREIRE, 1970, p. 17, grifo nosso)

Aqui entende-se que a libertação se dá pela práxis. É o mecanismo para a luta pela liberdade. O autor ainda insiste na análise social da desigualdade, que nomeia como opressores e oprimidos. Ao fazer-se opressora, a realidade implica a existência dos que oprimem e dos que são oprimidos. A sociedade, nessa dimensão do real, aprisiona, desenraiza, acomoda, adapta os seres humanos à lógica do capital, o que também o objetifica. Por isso e para isso, a libertação ser, por meio da práxis, a forma de transformar esse mundo. “Estes, a quem cabe realmente lutar por sua libertação juntamente com os que com eles em verdade se solidarizam, precisam ganhar a consciência crítica da opressão, na práxis desta busca.” (FREIRE, 1970, p. 21). Práxis é busca, práxis é luta, práxis é o meio para a libertação. Na práxis está a possibilidade da construção da consciência crítica para a libertação. Freire continua:

Neste sentido, em si mesma, esta realidade é funcionalmente domesticadora. Libertar-se de sua força exige, indiscutivelmente, a emersão dela, a volta sobre ela. Por isto é que, só através da práxis autêntica, que não sendo “blablablá”, nem ativismo, mas ação e reflexão, é possível fazê-lo. (FREIRE, 1970, p. 21).

É ação e reflexão. Com isso, não podemos substituir a práxis freireana por uma ideia

de saber-fazer. A práxis é um conceito dialético, de que tantos outros fazem parte. Um conceito ontológico, epistemológico e metodológico de objetivar a transformação, à medida que ela se adjectiva como práxis autêntica. Ao complexificar o conceito, reitera: “Somente na sua solidariedade, em que o subjetivo constitui com o objetivo uma unidade dialética, é possível a práxis autêntica.” (FREIRE, 1970, p. 21). As palavras vão brotando, palavrassamente, como diria Brandão (2015), ou categorias freireanas, como gostamos de definir. Associadas ao conceito de práxis estão: vida, liberdade, solidariedade.

Em sua escrita dialética, Freire circula: “A práxis, porém, é reflexão e ação dos homens [e das mulheres] sobre o mundo para transformá-lo. Sem ela, é impossível a superação da contradição opressor-oprimidos.” (FREIRE, 1970, p. 21). A práxis transforma. Freire incorpora a ideia revolucionária e transformadora dessa categoria. Então, por que ela desaparece em Pedagogia da autonomia?

A pedagogia do oprimido, como pedagogia humanista e libertadora, terá, dois momentos distintos. O primeiro, em que os oprimidos vão desvelando o mundo da opressão e vão comprometendo-se na práxis, com a sua transformação; o segundo, em que, transformada a realidade opressora, esta pedagogia deixa de ser do oprimido e passa a ser a pedagogia dos homens [e das mulheres] em processo de permanente libertação. (FREIRE, 1970, p. 23)

Na pedagogia da esperança, Freire (1992) explicita o caráter democrático e popular da educação, a ideia da práxis na voz, na palavra e na ação: a linguagem como caminho da invenção da cidadania anuncia a pedagogia freireana como uma pedagogia comprometida com o povo, com aqueles e aquelas a que são negados os direitos básicos da existência. Nesse reencontro, a pedagogia do oprimido transforma-se em pedagogia popular, comprometida com essa realidade em que insiste não ser idealista, mas sim a criação forjada de um mundo diferente do mundo da opressão.

Ainda, nas notas da pedagogia da esperança, na explicação do conceito de inédito-viável na relação com as situações-limite, explicita: “Esse inédito-viável é, pois, em última instância, algo que o sonho utópico sabe que existe, mas que só será conseguido pela **práxis libertadora** que pode passar pela teoria da ação dialógica [...]” (FREIRE, 1992, p. 106, grifo nosso). Ao retomar a práxis libertadora, podemos dizer que Freire reencontra e amplia o conceito, ao associar a ideia de inédito viável e, ao mesmo tempo, da dialogicidade, como se uma fosse definidora do conceito e outra, a implicação desse conceito de práxis.

Nessa centralidade da práxis identificamos outras tantas categorias que transitam em seu entorno, fortalecendo-a enquanto matriz do pensamento, mas chegamos à *Pedagogia da autonomia* entendendo-a como categoria importante no re-conhecimento da práxis.

[...] É que me acho absolutamente convencido da **natureza ética da prática educativa**, enquanto prática especificamente humana. [...] Não podemos nos assumir como sujeitos da procura, da decisão, da ruptura, da opção, como sujeitos históricos, transformadores, a não ser assumindo-nos como sujeitos éticos. Neste sentido, a transgressão dos princípios éticos é

uma possibilidade mas não é uma virtude. Não podemos aceitá-la. (FREIRE, 1996, p. 10, grifo nosso)

Será nesse reconhecimento da prática educativa, pela natureza ética, comprometida, enraizada, humana, que a consciência se dá? Será que ao trazer a natureza ética, a politicidade, a historicidade, para a prática educativa, estaria identificando-a ao seu conceito anterior de prática? Não pretendemos responder a essas perguntas, mas problematizar um termo central que modifica-se na escrita, mas será que perde no seu conceito?

Do princípio ético ao imperativo ético, a prática educativa assume o compromisso com a transformação, à medida que respeita a autonomia e a dignidade dos sujeitos. Isso é inegociável, isso é enraizamento nas pedagogias freireanas, não há como desvincular a prática educativa desse contexto e, portanto, da possibilidade revolucionária que exerce ao respeitar as pessoas, ao reconhecer nas pessoas o direito de suas escolhas e decisões frente ao mundo. Talvez esteja aqui a aproximação entre a práxis e a prática educativa freireanas, talvez uma mudança na linguagem, na palavra, mas não em sua essência, não na sua centralidade.

Conclusões

A práxis exige comprometimento com a transformação. Talvez reescreveríamos uma Pedagogia da Práxis, pois com ela a transformação pode ocorrer, no sentido da libertação do ser humano. Talvez esse seja, de fato, o sentido da Pedagogia Freireana, mobilizar a práxis, a coerência entre o pensar e o agir, na luta pela transformação social. E por isso, como disse Arroyo (2021), a Pedagogia não é do Paulo Freire e sim do oprimido e da oprimida. Não existe Pedagogia do Paulo Freire, porque não faria sentido, mas há uma pedagogia do oprimido e da oprimida, que identifica a práxis como o meio da transformação, a materialização da conscientização libertadora que transforma, na concretude, a realidade. “A verdadeira reflexão crítica origina-se e dialetiza-se na interioridade da ‘práxis’ constitutiva do mundo humano – é também ‘práxis’.” (FIORI, 1970, p. 8).

A práxis é “constitutiva do mundo humano”, que pressupõe a consciência crítica na reflexividade, no par dialético objetividade e subjetividade, na relação homem-mulher e o mundo-cultura, no tempo histórico, e por isso seres condicionados e não determinados. Por isso uma palavra que representa o poder da transformação talvez seja a práxis, porque ali mora o agir, o pensar, o libertar, o solidarizar, o esperar, o amar, o refletir, o alegrar, o criticar freireanos. Uma palavra que expressa todos esses verbos ao mesmo tempo: a práxis que assume centralidade na formação de professores/as nos provoca a pensar e a buscar, no nosso campo, a coerência epistemológica necessária.

Palavras-Chave: Pedagogia. Práxis. Oprimido. Esperança. Autonomia.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel. 2021. Palestra: Que políticas educacionais em tempos de desmonte do Estado de Direito? In: X SIMPÓSIO INTERNACIONAL: O Estado e as Políticas

Educacionais no Tempo Presente - Estado neoliberal e retrocessos democráticos. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QG0fsKKufxE&t=222s> Acesso em 05 de outubro de 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O jogo das palavras-semente** e outros jogos para jogar com palavras. São Paulo: Cortez, 2015.

AUTORA, 2017a.

AUTORA, 2017b.

AUTORA, 2016.

AUTORA, 2007.

FIORI, Ernani Maria. Aprender a dizer a sua palavra (Prefácio). In: FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970. p. 05-11.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 29. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança**: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. Prefácio de Ernani Maria Flori. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1970.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

LIBÂNIO, José Carlos. Educação: pedagogia e didática. In: PIMENTA, Selma Garrido. (Org.). **Didática e formação de professores**. São Paulo: Cortez, 1997.